

# Sôbre a validade do *Australorbis centimetralis* (Lutz, 1918) (\*)

(Nota prévia)

por

Geth Jansen

(Com 18 figuras no texto)

Designado para trabalhar em pesquisas relacionadas com os hospedadores intermediários do *Schistosoma mansoni* em nosso país e como fruto de um inquérito que realizámos e cujos resultados publicamos em 1943, tivemos atenção despertada para a tese de Vianna Martins onde várias espécies do gênero *Australorbis* Pilsbry, 1934 foram identificadas sob a rubrica de *A. glabratus*. (Say, 1818).

Como nossas observações no campo nos davam impressão contrária, pelo menos no que se referia a algumas das espécies em causa, resolvemos procurar, em vista da falta de caracteres morfológicos flagrantes usados na caracterização dêstes animais, alguns elementos que pudessem confirmar ou não o conceito acima citado.

Do Dr. A. Marques da Cunha, chefe da Divisão de Estudos de Grandes Endemias, cuja orientação agradecemos, tivemos a satisfação de merecer a animação constante, que se traduziu nesta pequena nota inicial, onde visamos simplesmente focalizar algumas diferenças observadas por nós em criação em laboratório de moluscos do gênero *Australorbis*.

O material de que dispúnhamos era o restante dos moluscos empregados em experiências, que então realizamos, sôbre a influência da cal extinta e do sulfato de cobre nêsses animais e constava de 4 exemplares adultos de *A. olivaceus* (Spix, 1837) colhidos na chácara de Manguinhos e provenientes de sementeiras feitas há muitos anos por Lutz, de moluscos que havia trazido da Bahia (informação do Sr. Joaquim Venancio, seu dedicado auxiliar). De Pernambuco trouxemos, região de Palmares e Catende, topotipo de Lutz para *Planorbis centimetralis* Lutz, 1918, numerosos exemplares desta provável espécie.

Tanto os exemplares que chamamos *centimetralis* quanto os de denominamos *olivaceus*, foram criados em laboratório em idênticas condições, em

recipientes semelhantes (cristalizadores altos) de igual capacidade, com areia no fundo, com água da torneira e da mesma procedência, aos quais fornecíamos ainda alimentação idêntica (folhas de alface) (fig. 1).

Com pouco mais de 15 dias as desovas já eram numerosas e constituídas por um certo número de ovos depositados na mesma ocasião pelo molusco, que se envolviam por certa mucosidade que os retinham reunidos e presos, em geral, à parede do cristalizador; a mucosidade, secretada pelo próprio molusco, se tornava resistente em contato com a água por ocasião da postura e constituía um verdadeiro envoltório protetor para os ovos emitidos e à este conjunto assim isolado chamamos *desova*.

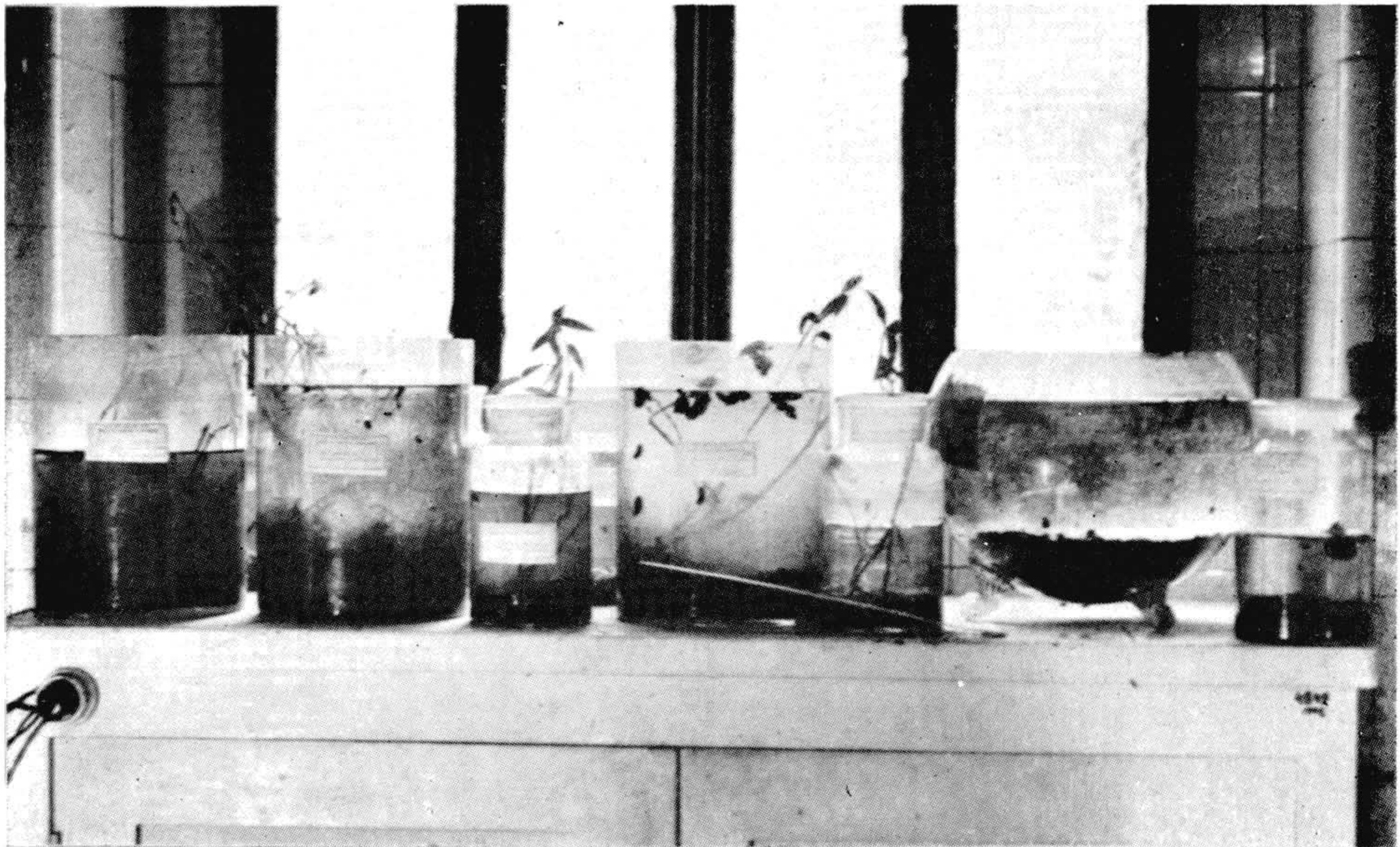


Figura 1

Continuamos a manter as criações já na 4.<sup>a</sup> geração e pudemos fazer um certo número de observações que nos levam a considerar os moluscos estudados como pertencentes a duas espécies diferentes que, aliás, foram assim consideradas inicialmente, sob os nomes de *Planorbis olivaceus*, Spix, 1837 e *Planorbis centimetralis* Lutz, 1918. (fig. 2)

Ainda em Pernambuco, nos municípios de Palmares e Catende, onde encontramos sómente *A. centimetralis*, verificamos que êsses moluscos existiam sempre no fundo dos rios, enquanto que os *olivaceus* colhidos em Mangui-nhos ocorriam sempre na superfície das coleções d'água, agarrados às plantas aquáticas.

Para melhor objetivar as diferenças que achamos de interêsse acentuar entre as espécies *centimentralis* e *olivaceus* elaboramos o quadro abaixo que, com as figuras adicionadas, serve para dar uma idéia inicial do nosso ponto de vista.

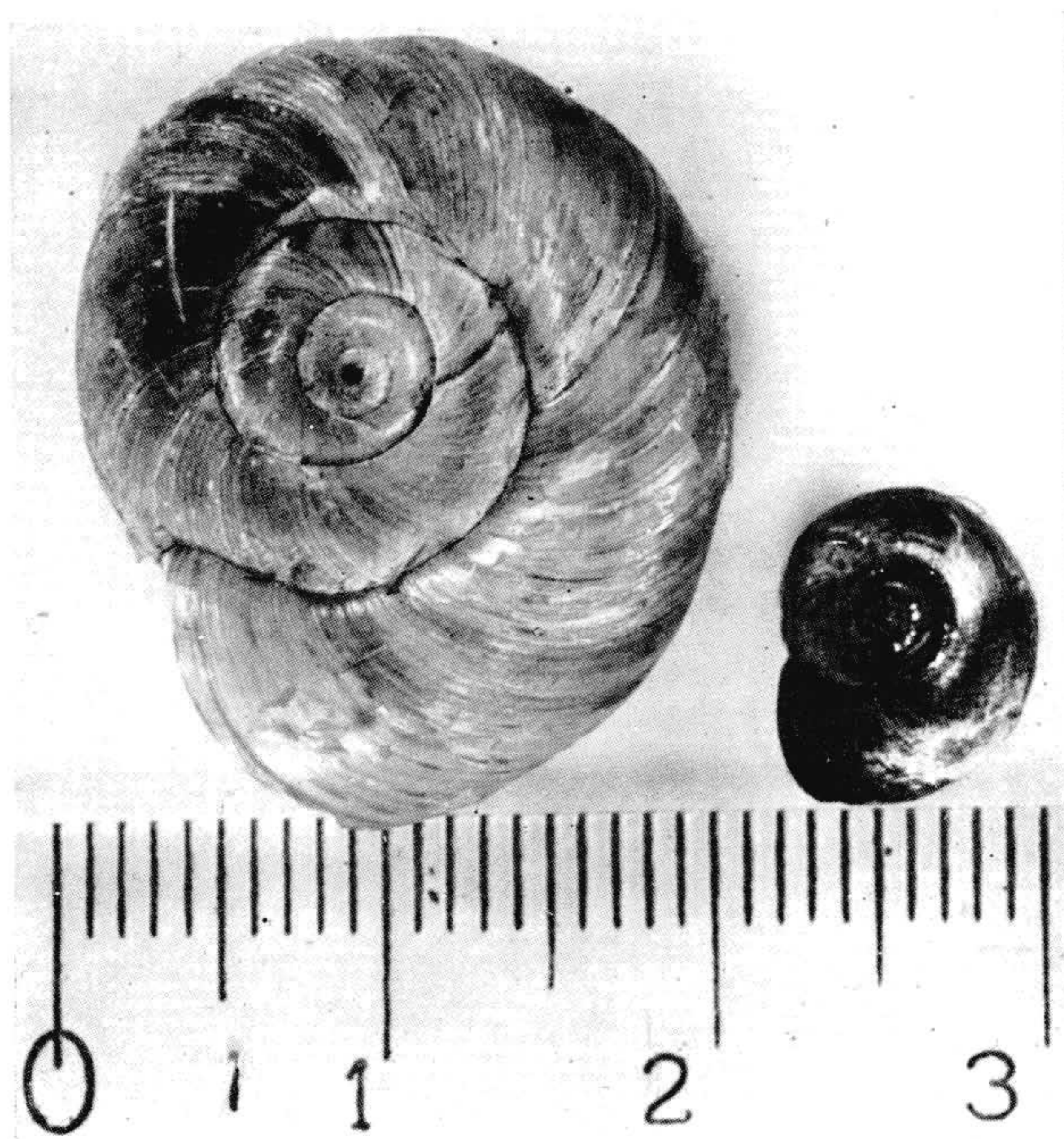


Figura 2

	<i>centimetralis</i>	<i>olivaceus</i>
Dimensões dos moluscos adulto (fig. 2) ..	Menores cêrca de 1 cm.	Maior cêrca de 2 cm.
Tempo de incubação .....	Menor cêrca de 3 semanas	Maior cêrca de 5 semanas
N.º de ovos em cada desova (média tomada em 50 desovas) .....	12	45
Dimensões dos ovos (figs. 3-10) e das desovas (figs. 11-18) .....	Menores cêrca de 0,7 mm.	Maiores cêrca de 0,9 mm.
Côr dos ovos .....	Amarelo-esmaecido	Ambar

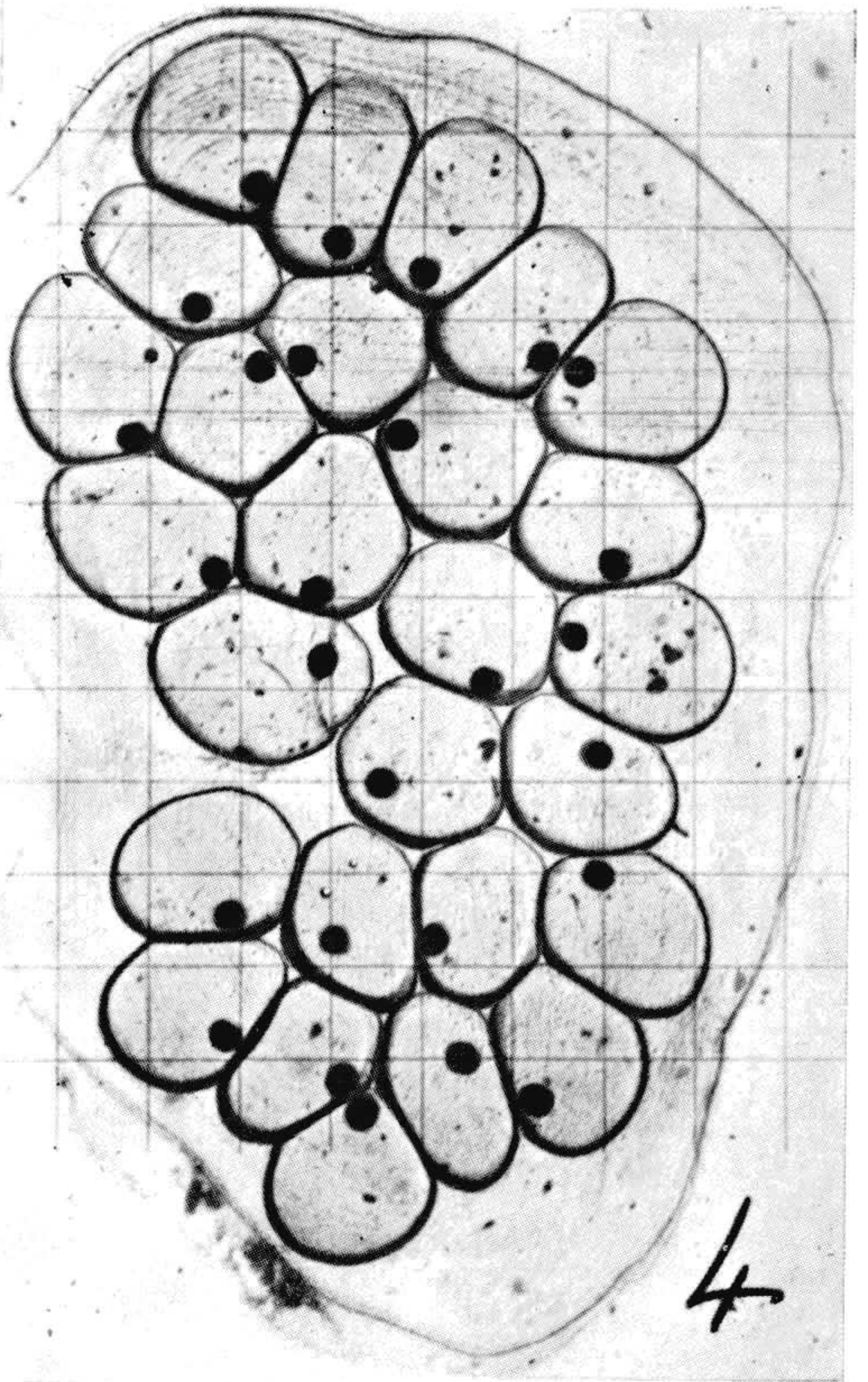
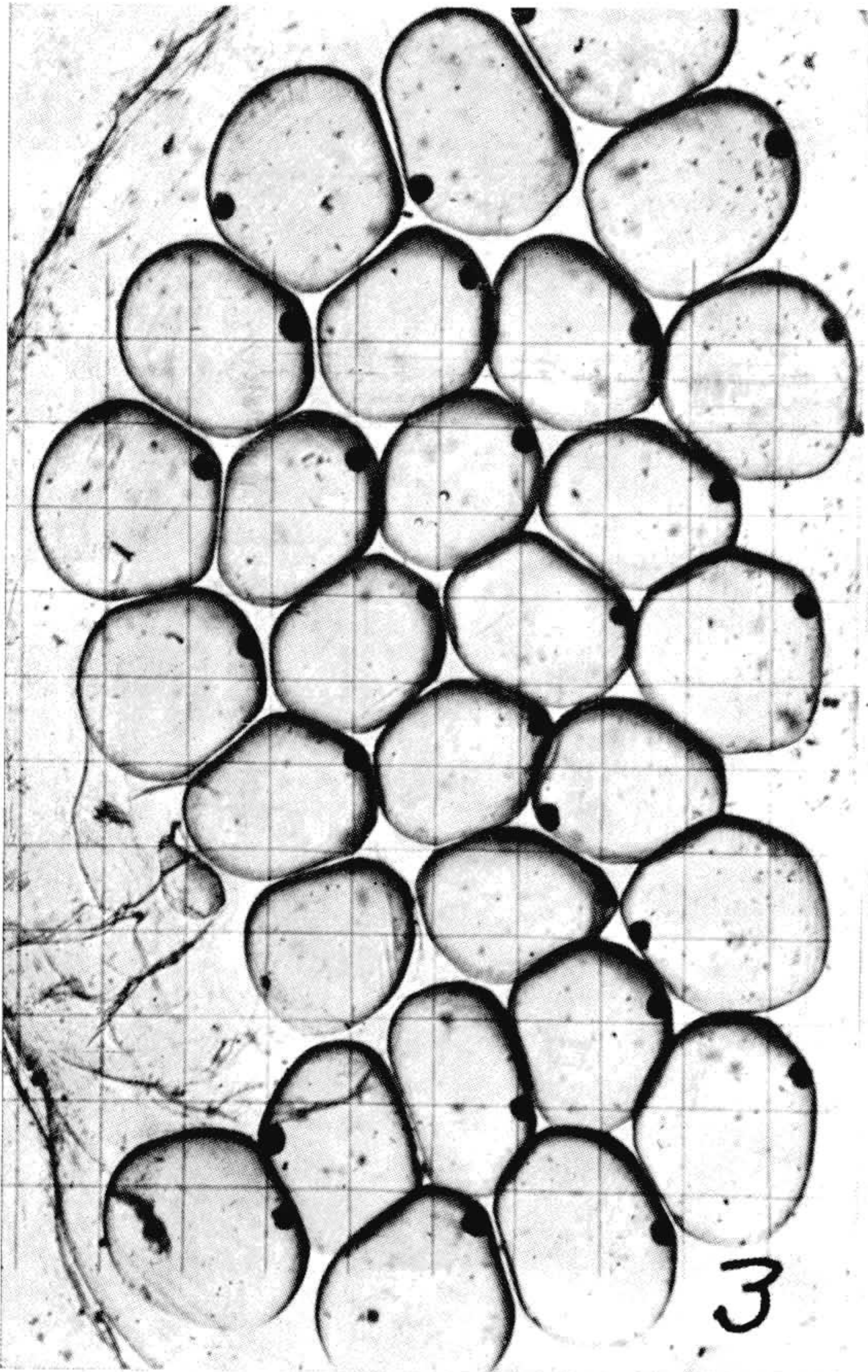


Fig. 3 — Desova de *Australorbis olivaceus*  
Fig. 4 — Desova de *A. centimetricus*

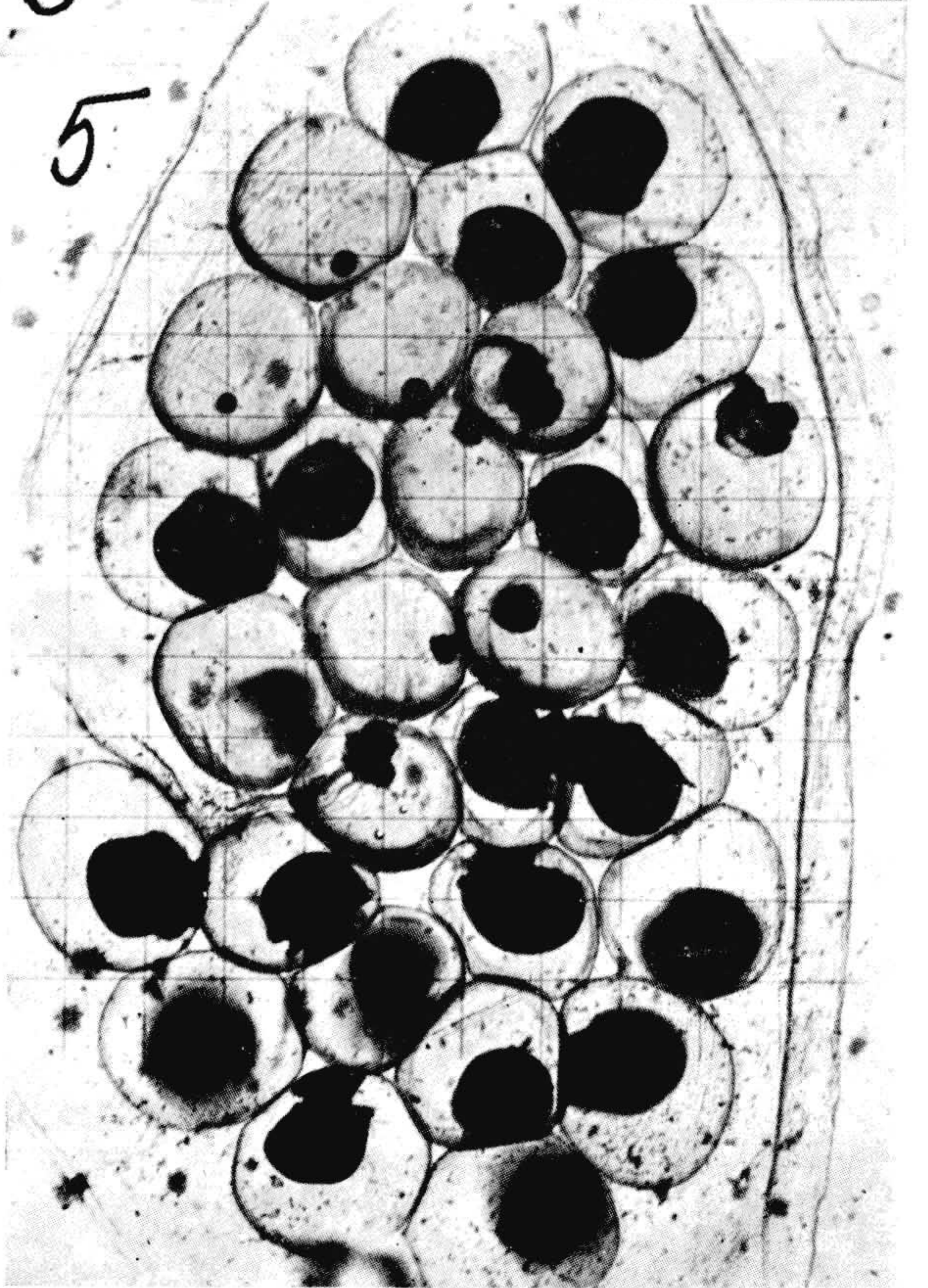
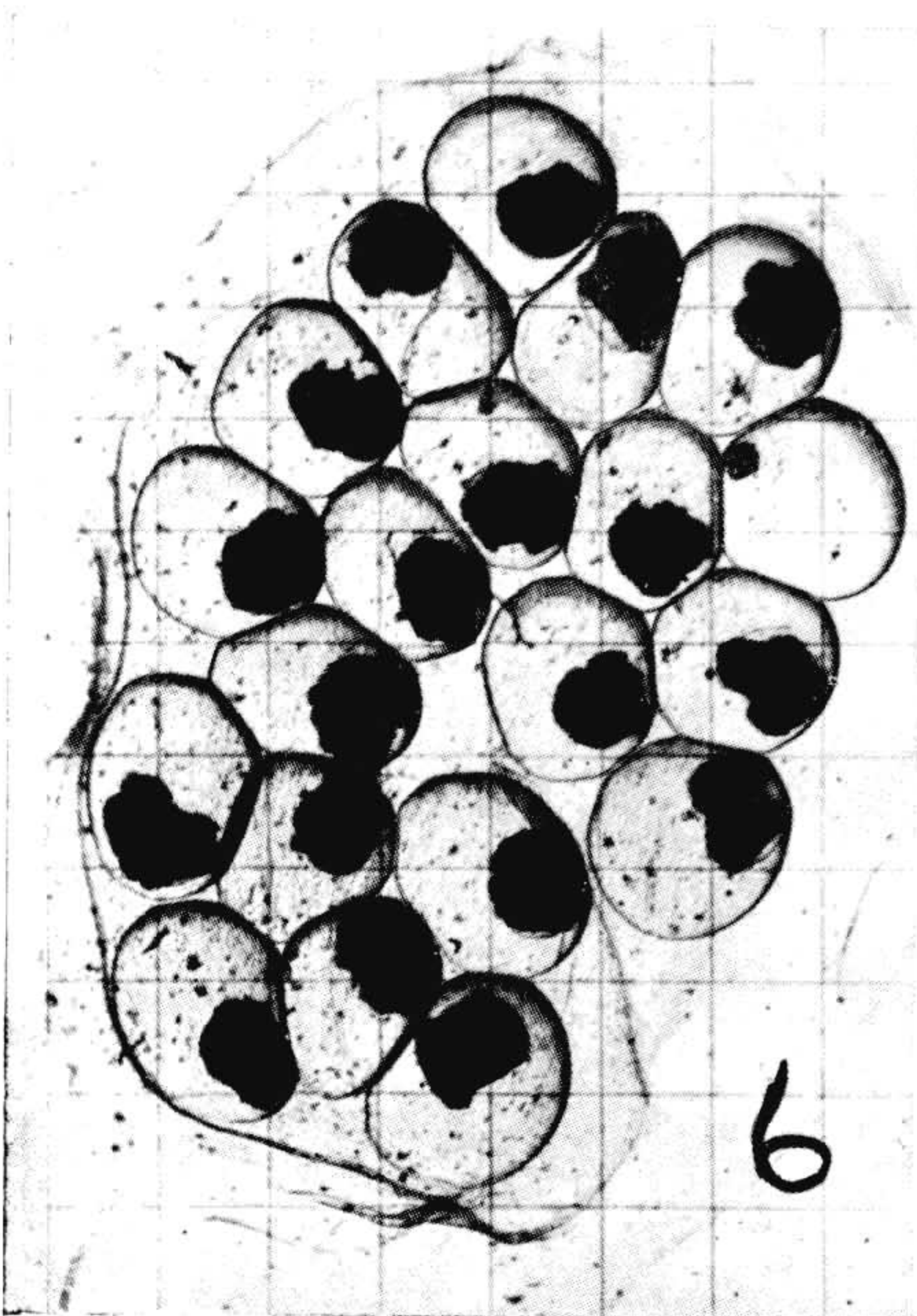


Fig. 5 — Desova de *A. olivaceus*  
Fig. 6 — Desova de *A. centimetricus*

Tivemos a preocupação de apresentar fotografias, que estão na mesma escala para facilitar a comparação, de desovas em estádios diferentes de sua evolução. Em tôdas elas existem as mesmas diferenças assinaladas no quadro acima.

Todos os detalhes assinalados são absolutamente constantes e confirmados sem qualquer modificação, já em 4 gerações consecutivas.

Naturalmente, esta nota é a divulgação de um ponto de vista que advogamos, mas é nossa intenção voltar ao assunto em próxima oportunidade.

Este trabalho foi executado na Divisão de Estudos das Grandes Endemias, do Instituto Osvaldo Cruz.

As fotografias que ilustram a presente nota são da autoria do Sr. Miguel Cezar, a quem agradecemos a colaboração.

Manguinhos, 30 de abril de 1944.

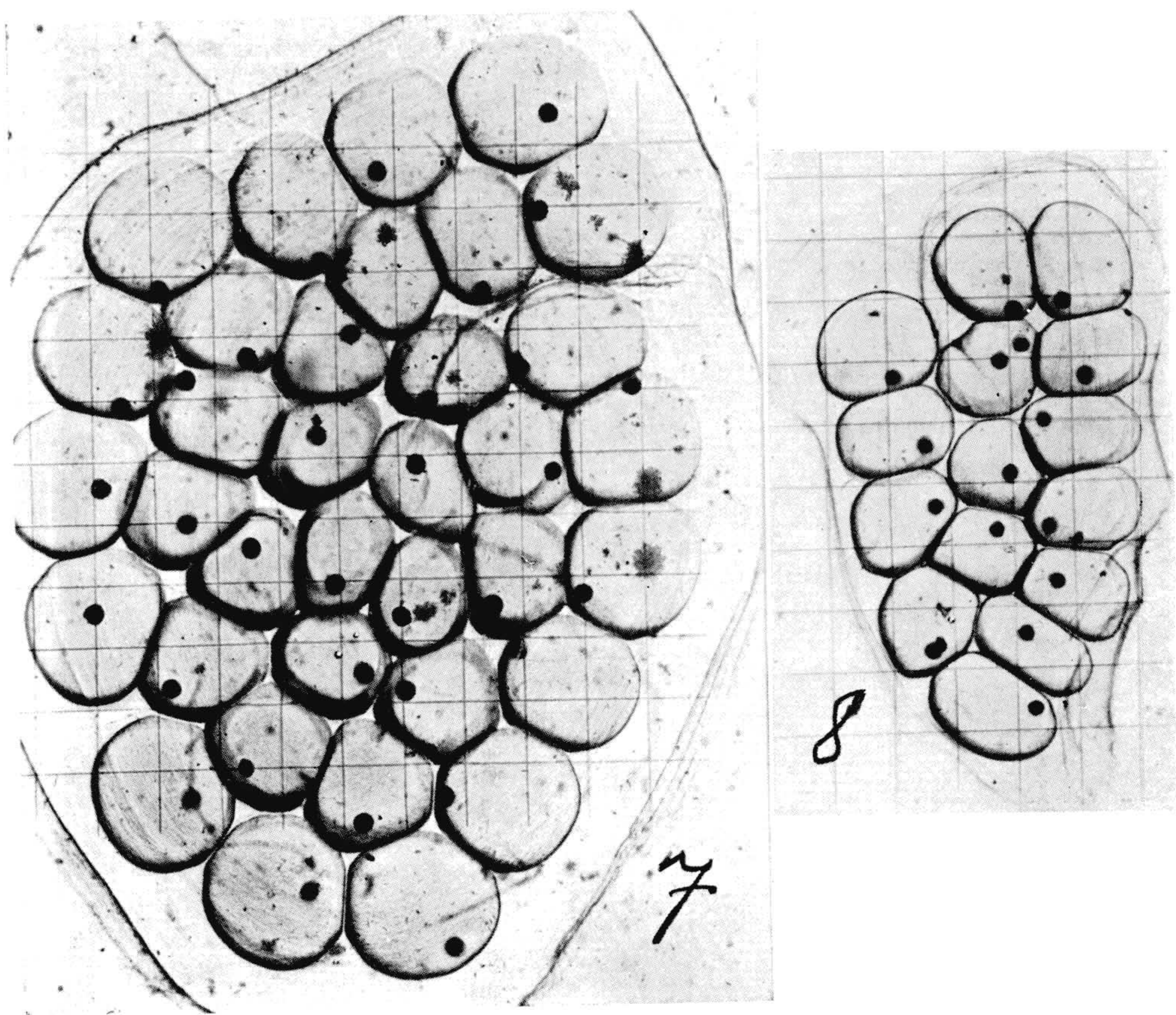


Fig. 7 — Desova de *A. olivaceus*

Fig. 8 — Desova de *A. centimetralis*

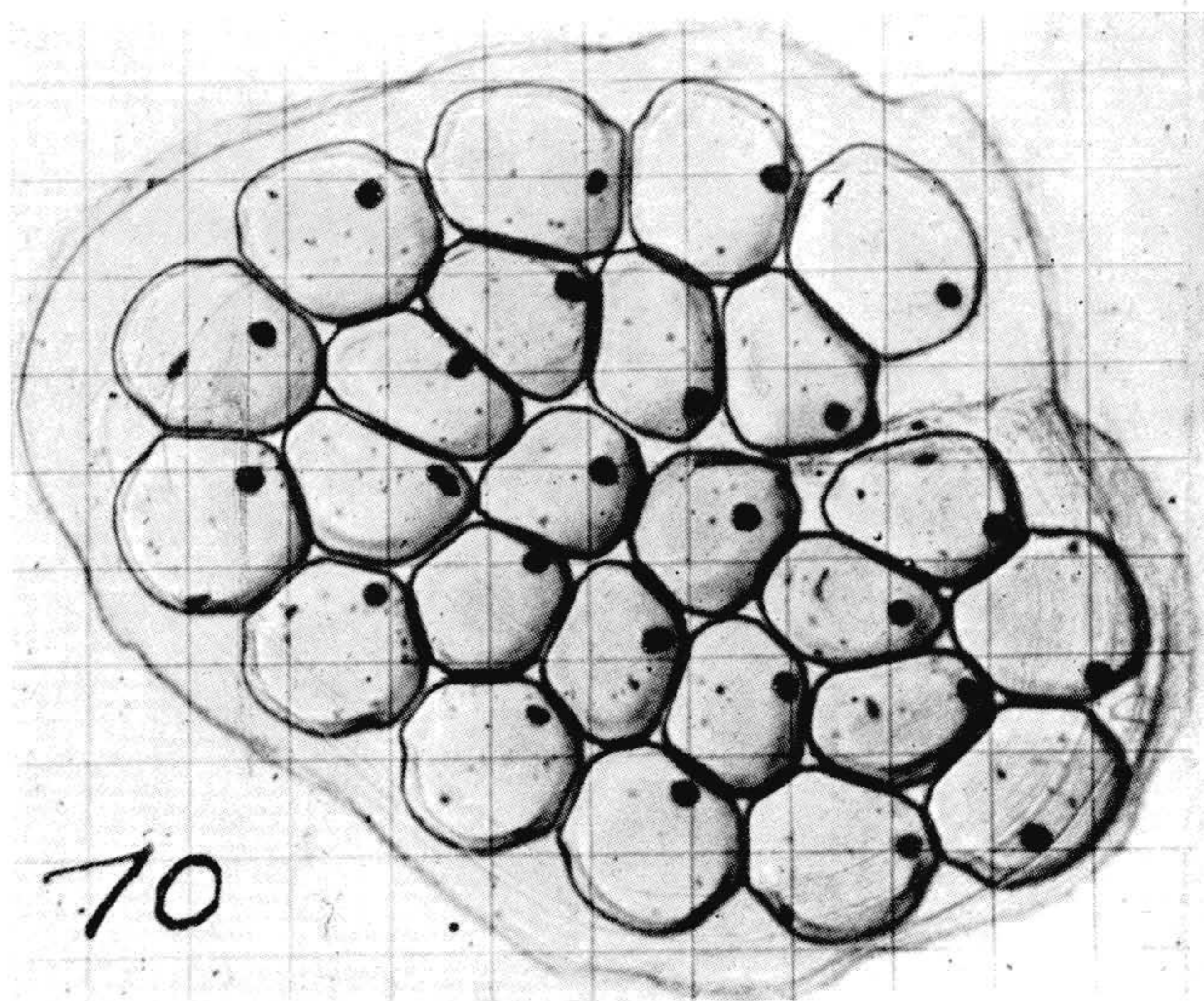
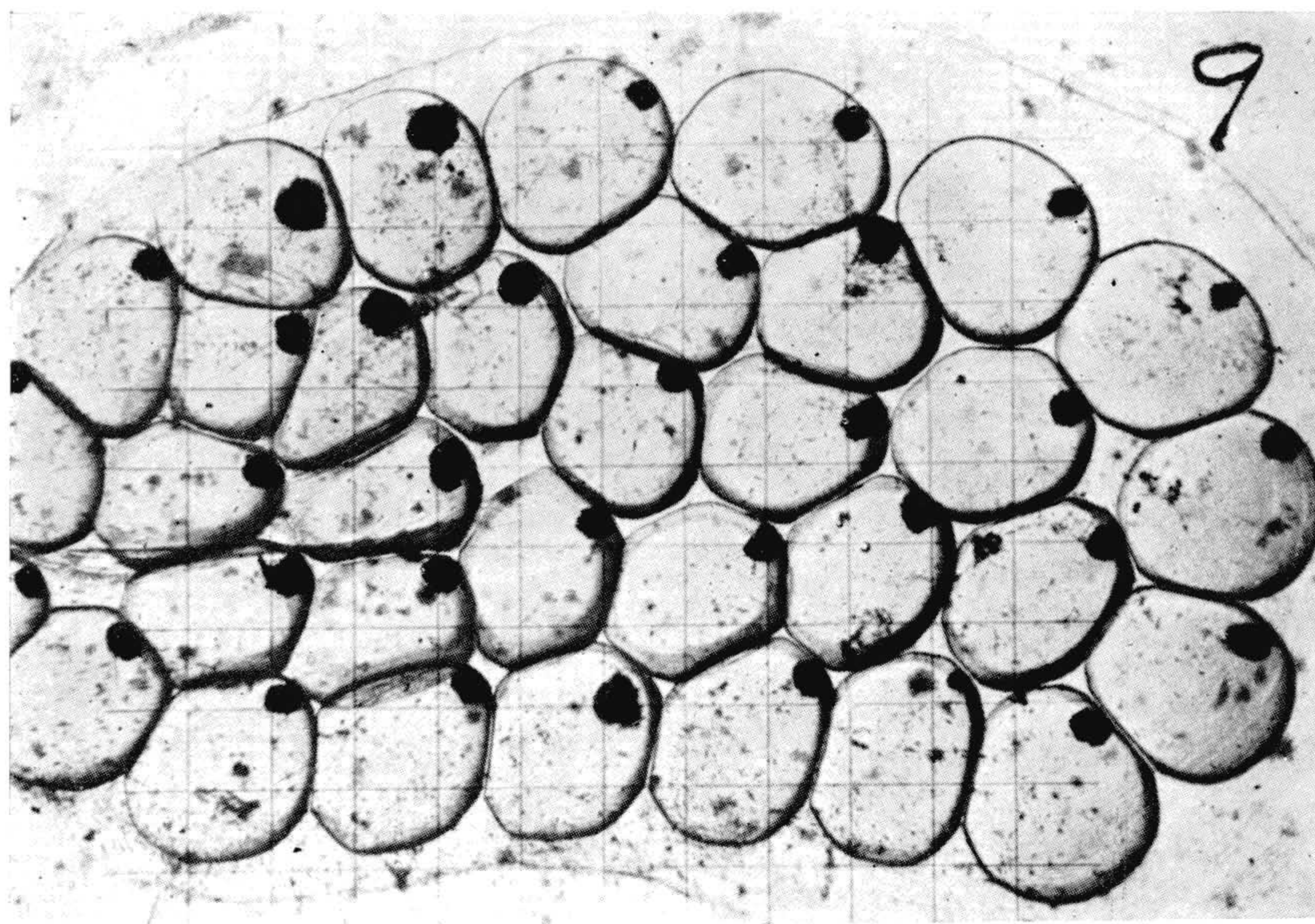


Fig. 9 — Desova de *A. olivaceus*

Fig. 10 — Desova de *A. centrimetralis*

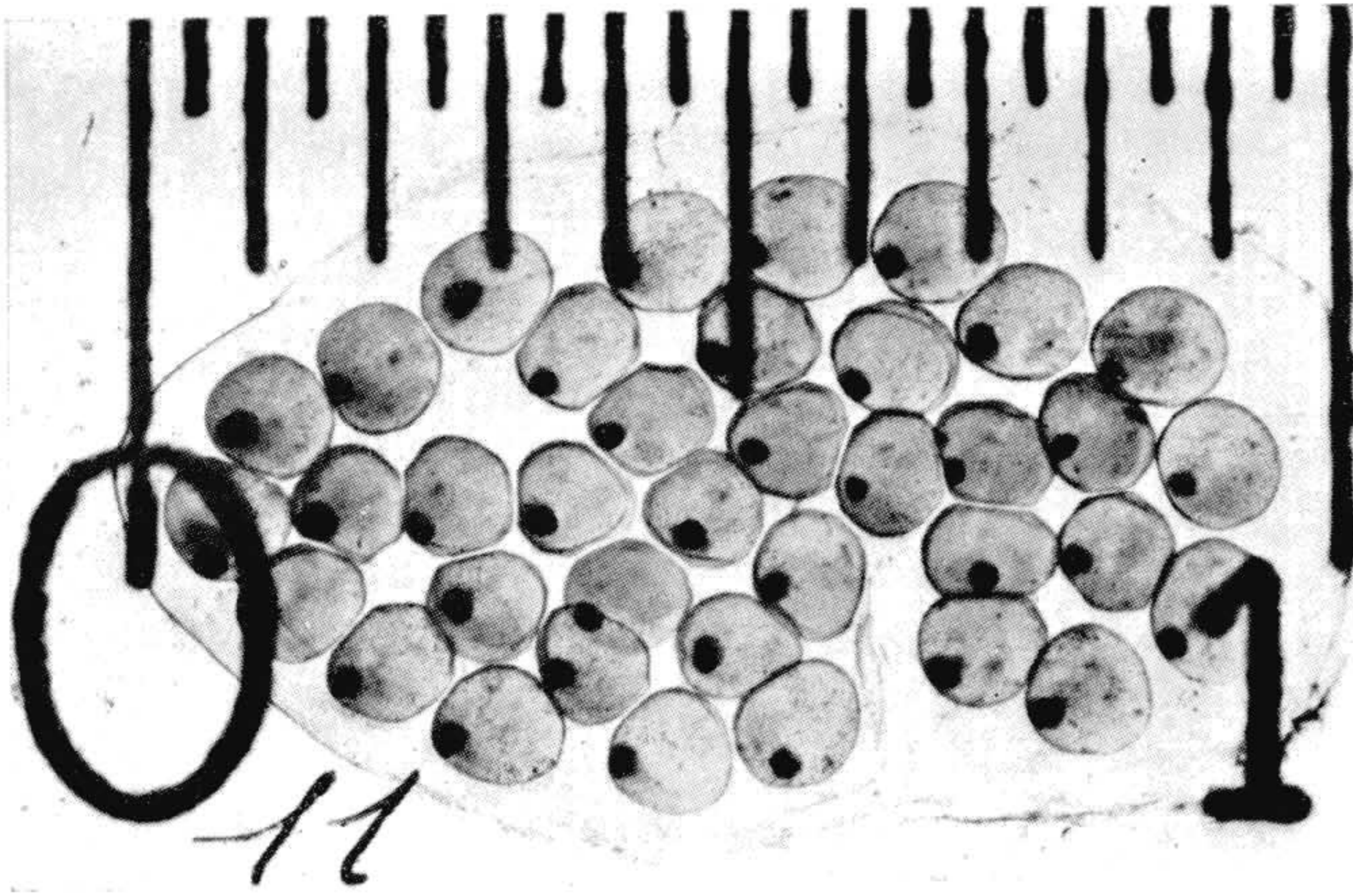


Fig. 11 — Desova de *Australorbis olivaceus*

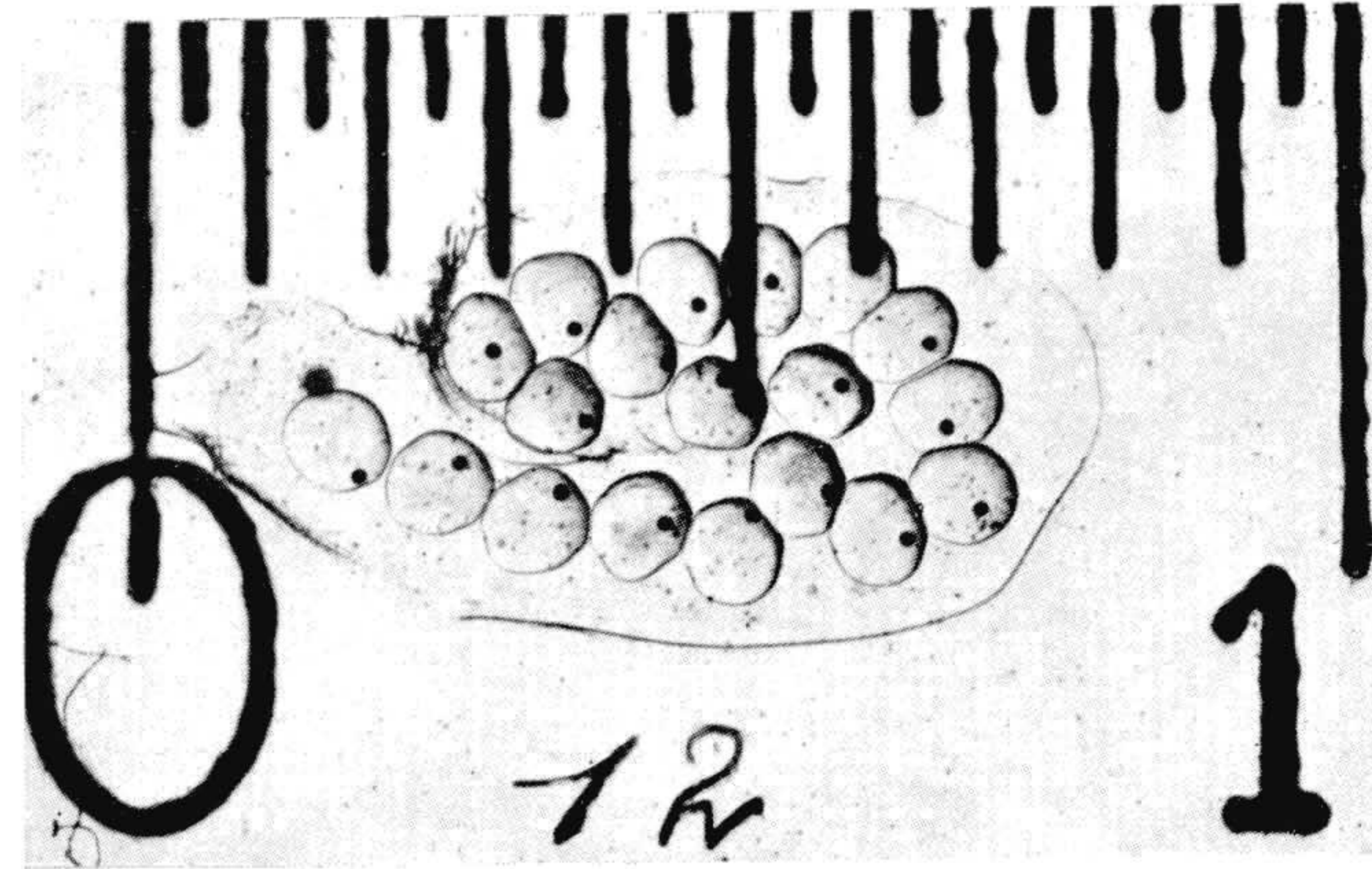


Fig. 12 — Desova de *A. centimetricus*

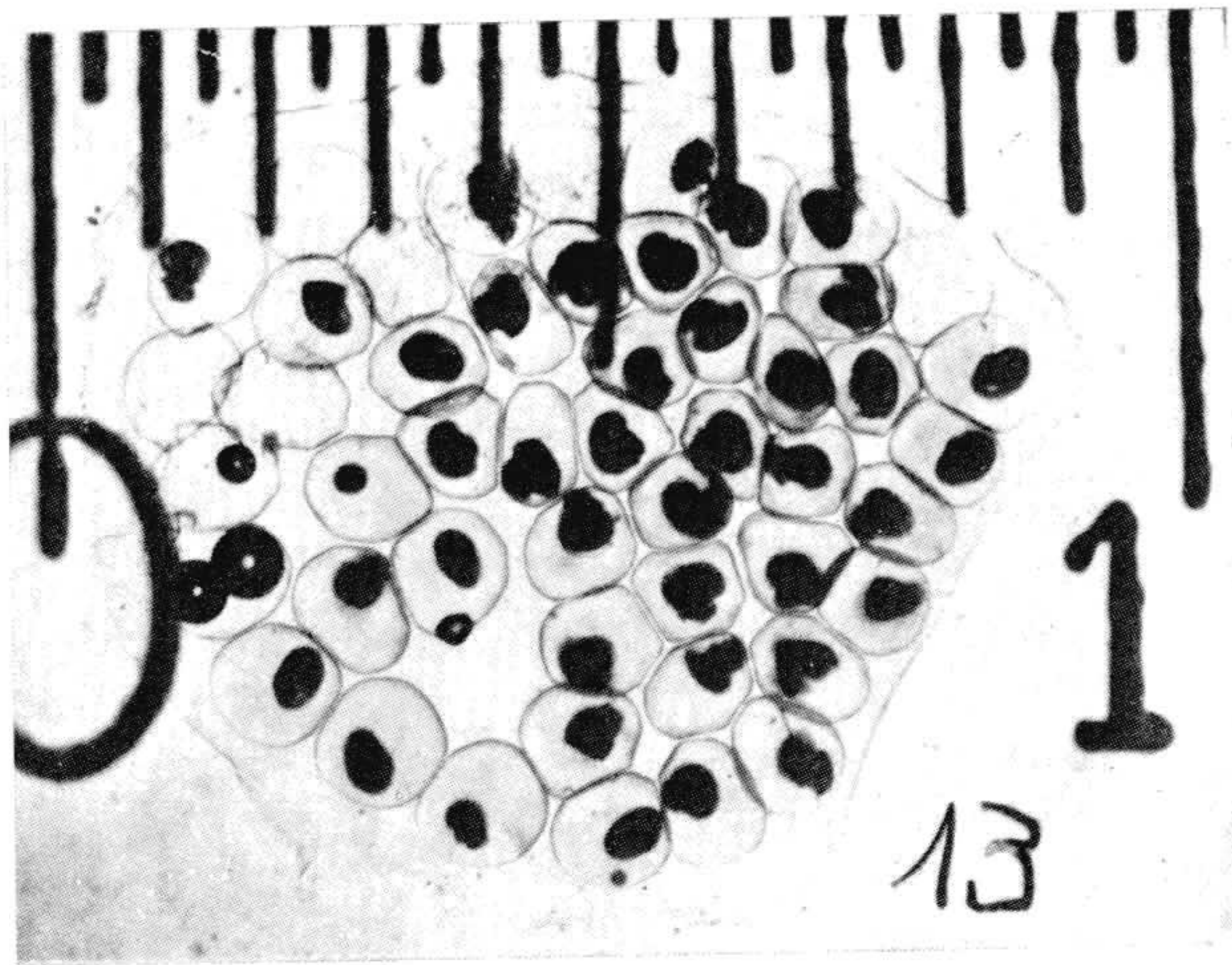


Fig. 13 — Desova de *A. olivaceus*

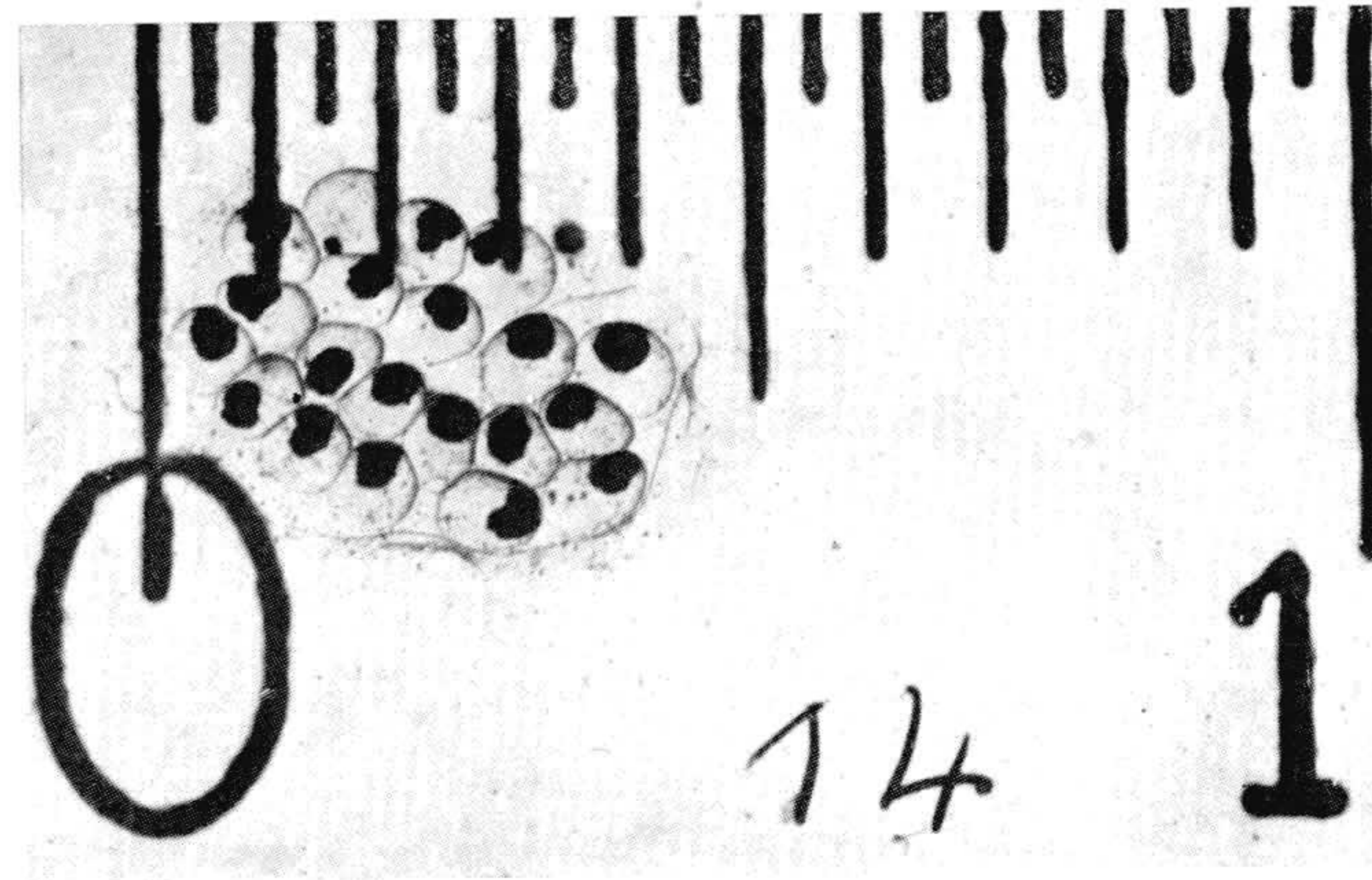


Fig. 14 — Desova de *A. centimetricus*

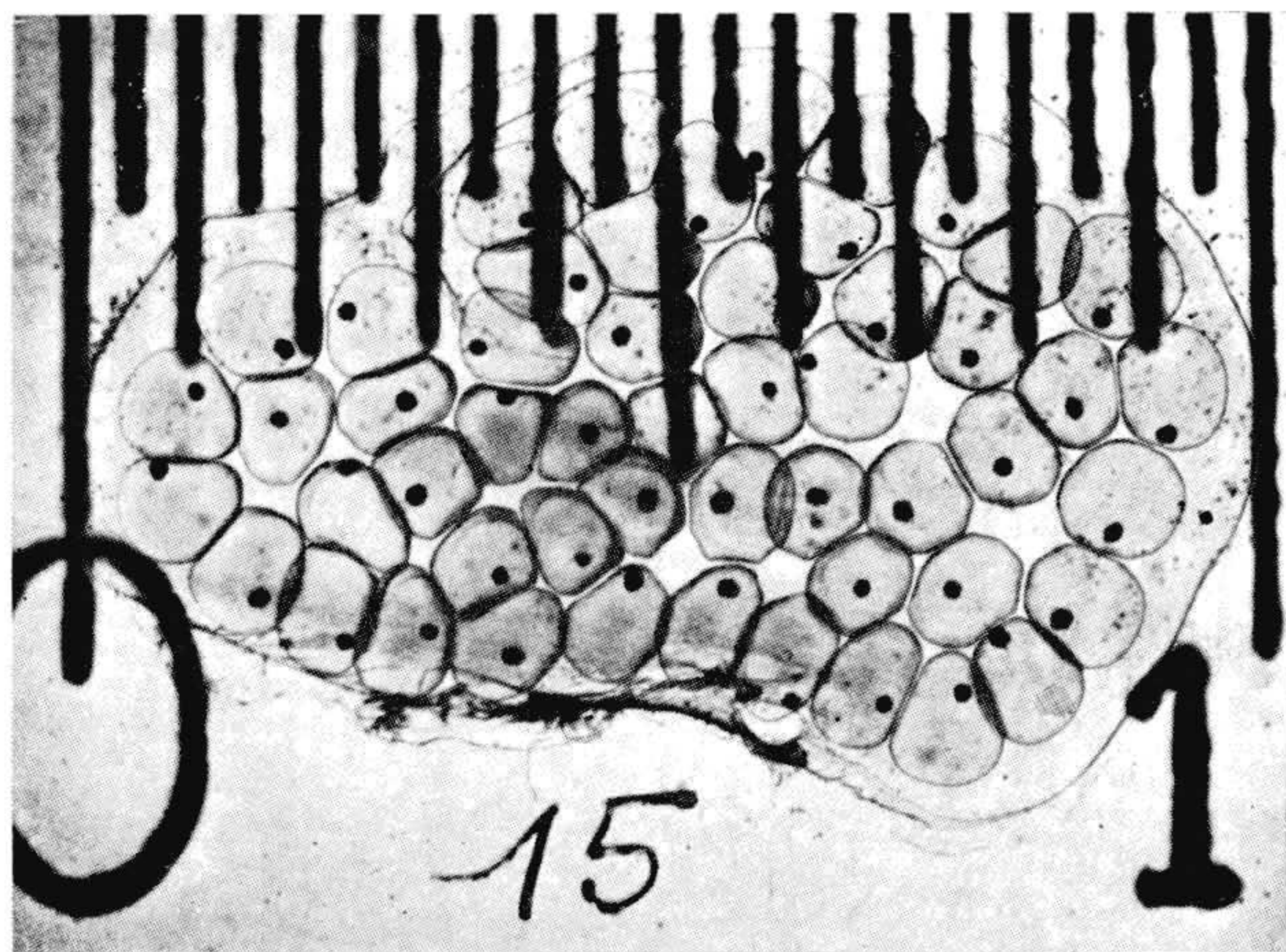


Fig. 15 — Desova de *Australorbis olivaceus*

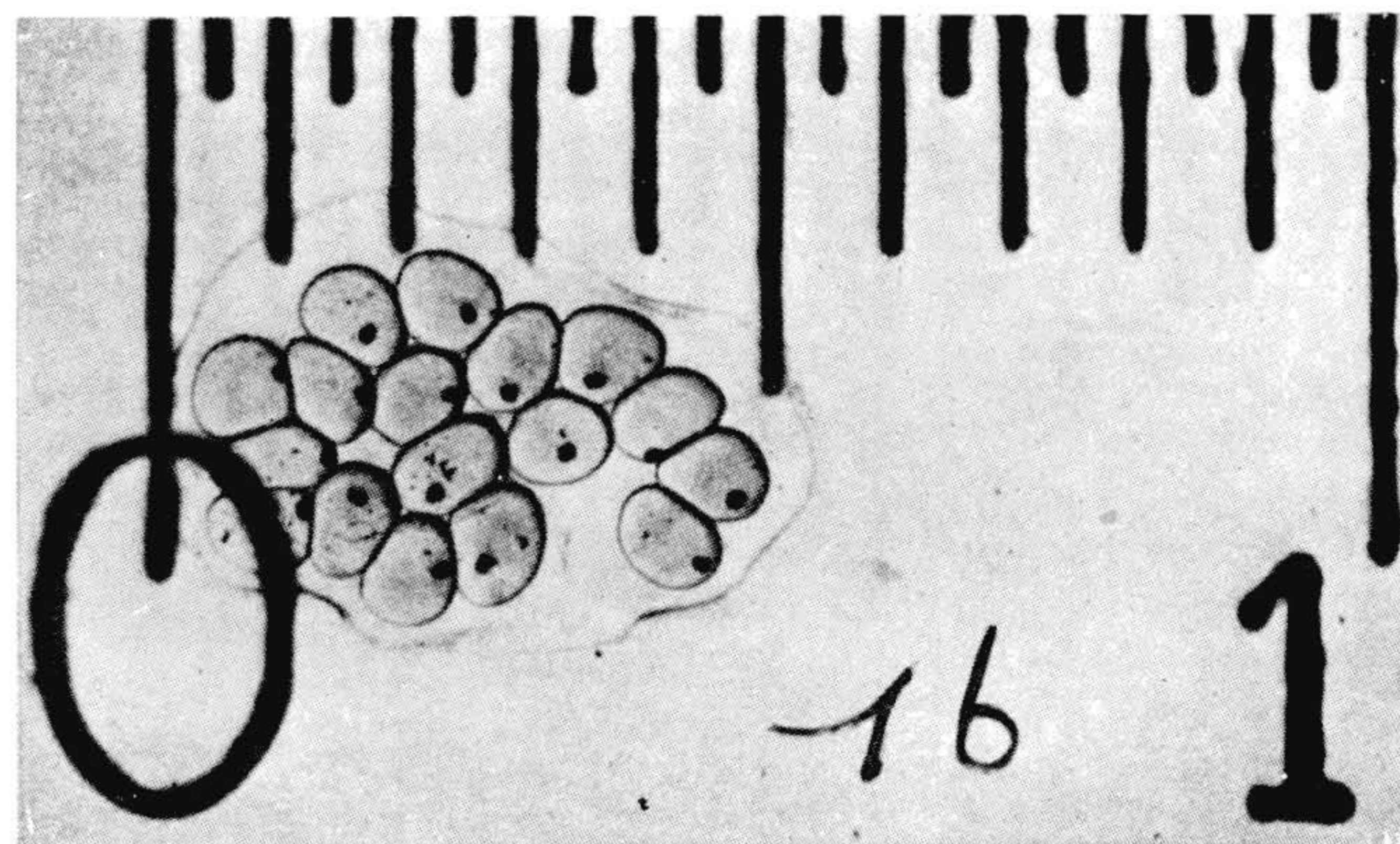


Fig. 16 — Desova de *A. centimetalis*

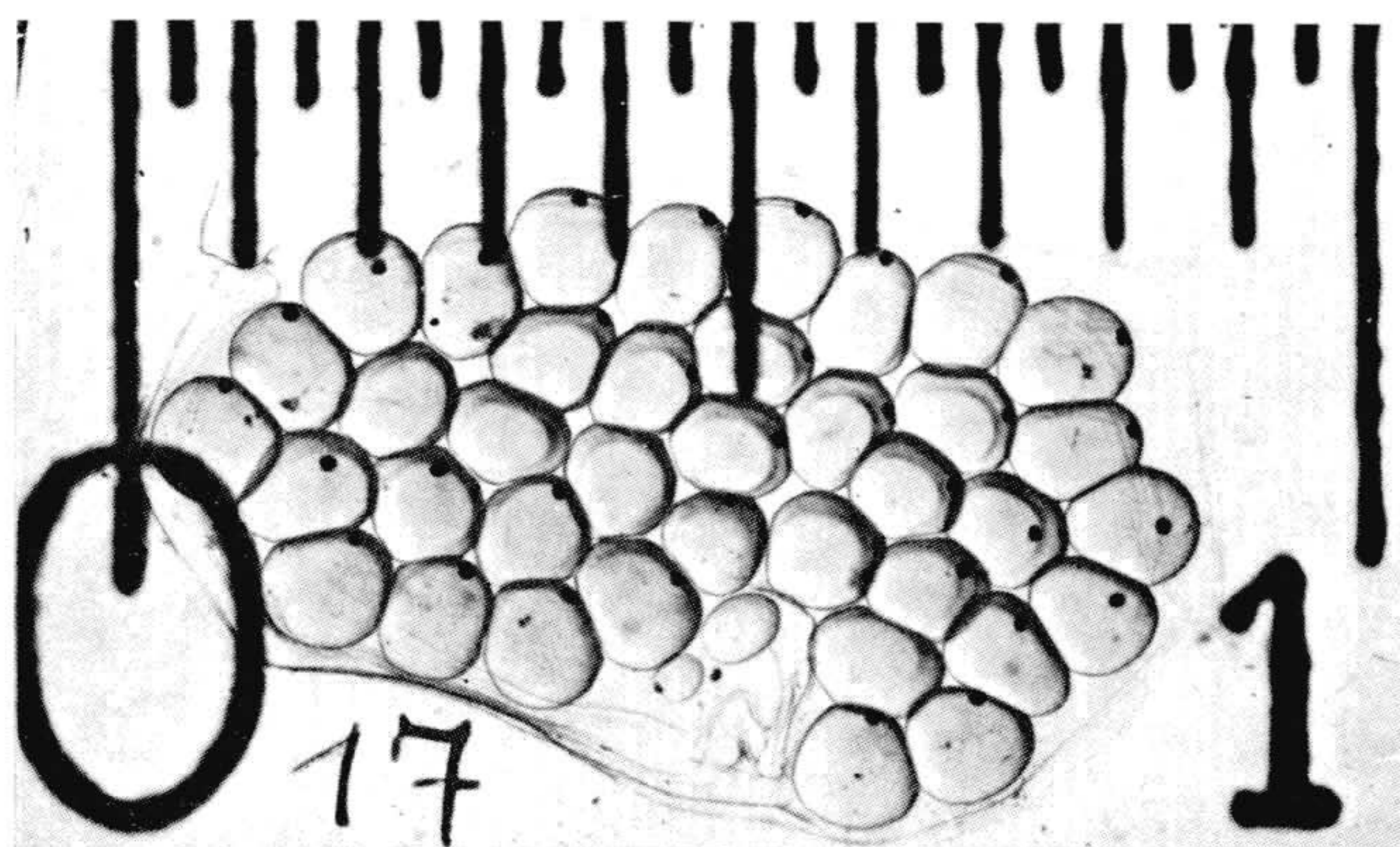


Fig. 17 — Desova de *A. olivaceus*

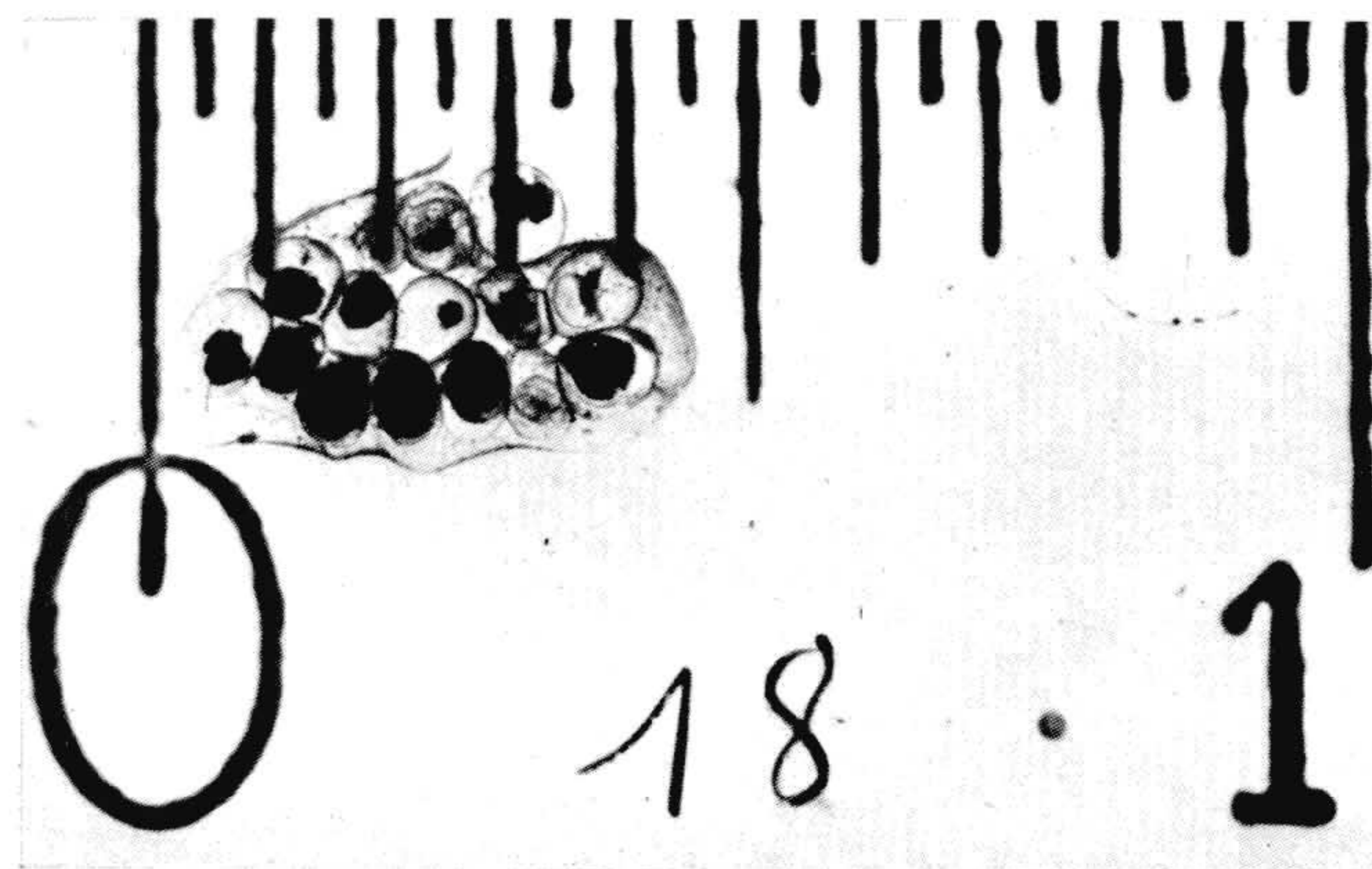


Fig. 18 — Desova de *A. centimetalis*